**4. Morfologia nominal na România Ocidental**

Referências Bibliográficas

BASSETTO, B. F. *Elementos de Filologia Românica.* São Paulo: Edusp, 2010.

ELIA, S. *Preparação à Lingüística Românica*. R.J.: Ao Livro Técnico, 1979.

MAURER, JR, T. H. *Gramática do latim vulgar.* Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

LAUSBERG, H. *Lingüística Románica. Morfología.* Lisboa, Calouste Gullbenkian, 1981.

A morfologia do nome românico simplificou consideravelmente o sistema de flexão herdado do latim. No latim clássico, como em geral nas línguas indo-europeias, os **substantivos, adjetivos e os pronomes** tinham um sistema flexional adaptados à expressão das categorias de **gênero, número e de caso**. Nos adjetivos, a gradação se exprimia ainda por meio de flexões próprias, para indicar os graus da intensidade da qualidade, os quais não serão abordados no presente estudo. Visto que o assunto é muito extenso, abordaremos o sistema da flexão dos substantivos, passemos a caracterizá-los.

A remodelação, que o latim vulgar operou em relação ao latim clássico, foi transmitida às línguas românicas. Passemos a estudar as características que essas línguas apresentam e a sua ligação com o *terminus a quo,* o latim vulgar. Será realizada uma abordagem sobre a flexão dos substantivos, nas categorias gramaticais de **gênero, número e de caso**. A formação dos substantivos por derivação sufixal não será abordada, como dito anteriormente, será privilegiada a flexão dos substantivos femininos formados pela desinência *-a.* A România Oriental comporá este estudo em contraposição ao que ocorreu na România Ocidental.

1. Gênero

Na categoria de gênero no latim clássico dos substantivos havia o masculino, o feminino e o neutro. A divisão entre masculino, feminino e neutro corresponde a uma estruturação psicológica da realidade das culturas de línguas indo-europeias. Do ponto de vista formal, o neutro era marcado gramaticalmente pela mesma terminação no singular dos casos nominativo, acusativo e vocativo, e nos plurais, pela terminação em /-a/.

Podemos afirmar que as línguas românicas possuem dois gêneros, o masculino e o feminino. O neutro como categoria gramatical não sobreviveu nas línguas românicas. Encontramos, vestígios do neutro singular, em algumas formas pronominais, por exemplo, que designam seres inanimados, é o caso do português nas formas pronominais *tudo, isto, isso, aquilo, algo*, ou do galego, *isto, esto, iso, eso, aquilo, aquelo, algo*. Das três declinações do latim vulgar, apenas a segunda e a terceira possuíam o gênero neutro em profusão. Na quarta, poucos casos. Analisemos cada uma delas.

1. Absorção do neutro pelo masculino

Na segunda declinação, grande parte dos masculinos apresentava o nominativo singular em *–us* e os neutros, terminação em *–um*. No caso acusativo singular, havia uma terminação comum para o neutro e o masculino, a saber, *–um*, que sofreu apócope, numa forma *–u.* O neutro singular foi absorvido pelo gênero masculino. Assim, do lat. *lutum* temos em port. e gal. *lodo*; cast. *lodo*; cat. *llot*; prov. *lot*; log. *ludu*; ital. *loto*, rom. *lut*. A hesitação do uso do masculino pelo neutro já ocorria no latim clássico, vejam-se em Varrão *lignus* por *lignum*; *templus* por *templum; maris* por *mare*; *pectorem* por *pectus*. Há exemplos também colhidos em Plauto, período arcaico da língua, como *balneus* por *balnĕum*; *caelus por caelum*. ( MAURER Jr, 1959, p. 78 ). A palavra *vinum*, neutro em lat. clássico, por exemplo, foi realizada como masculina nas românicas, comparem-se lat. *vinum*, port. *vinho*, gal. e cast. *viño*, cat. *vi*, prov. e fr. *vin*, it. *vino*, rom. *vin* (ELIA, 1979, p. 201).

1. Variação entre masculino e feminino

 Na terceira declinação, os neutros apresentaram um acus. sing. em *–m*, a exemplos do fem. e do masc. Confluíram, em geral, para o masculino, mas há oscilação com o feminino, vejam-se do lat. *marem*, port. ant. *a mar*; port. mod. *o mar*; gal. ant. *a mar*, mod. *o mar*; cast. *la mar*, fr. *la mer*. Do lat. *Lacte,* que resultou em port. e gal *o leite*; fr. *le lait*; it. *il* *latte* mas em fem. no cast. *la leche*. (ELIA, 1979, p. 201).

 A acomodação do neutro no plural apresentou as seguintes resoluções. No plural apresentava desinência casual em *-a*. Devido ao rearranjo do neutro nas línguas românicas, esses plurais foram reinterpretados como femininos singulares. Observem lat. *Gaudia (n.pl.),* que em port. resultou em *jóia,* em gal. *xóia*, em fr*. joie*, it. *gioia*.

1. Nomes de árvores e frutos

 Merecem destaque essa absorção dos nomes neutros do plural para o feminino. Em latim clássico, os nomes de árvores com terminação em *–us*, pertenciam ao gênero feminino, e os seus respectivos frutos, terminação em *–um*, eram do gênero neutro, ambos os nomes pertenciam a uma mesma declinação, assim, por exemplo, segunda declinação, *malus* ( macieira ) e *malum* ( maçã ), pirus ( árvore), pirum (fruta). O latim vulgar operou uma mudança e as línguas românicas absorveram-na. Trata-se da homonímia, proveniente da perda das declinações, no acusativo, singular e plural que devido à apócope da terminação final, convergiu para a forma *malu.* Assim, para se desfazer essa homonímia, os nomes de árvores passaram a masculinos e o nome das frutas a feminino singular. Do latim vulgar, *pira*, encontramos nas línguas românicas, respectivamente, port., gal. e cast.; prov.; cat.; ital. *pera*; fr. poire; vegl. *paira*; rom. *pară*. Há resquícios do acusativo singular no retorromânico, no engadino, veja-se do latim *pirum > pair.* Há alguns vestígios do neutro em *persĭcum* > *persĭcu*> *pêssego* ( port. ), *pexego* ( gal.), *pressec* (cat.); *prisco* (cast. ant.). Vejam-se, entretanto, a inovação no italiano, *pesco*( árvore) e *pesca*( fruta); o romeno *piersic* ( árvore) e *piersică*( fruta), cast. *manzano* ( árvore) e *manzana* ( fruta). O mais usual, entretanto, é a formação desse substantivo por derivação, como do lat. *arbor piraria*, que, por elipse de grupo da perífrase, resultaram em port. *pereira*, cat. *perera*, prov. *perier*, fr. *poirier*. Outra perífrase para árvore, com registro no sul da Itália, formada por pede, segundo nos informa Lausberg (1981, p. 259). Como em pede de pere, pede de mele ( macieira). No português brasileiro é muito produtivo: pé de manga, pé de abacate. Em galego, encontra-se apenas pe de millo, relacionado a apenas uma unidade, ‘unha espiga’.

1. Plural neutro reinterpretado como coletivo

 Houve ainda, uma duplicidade de formas, uma, proveniente do neutro singular, que resultou em masc. singular; e outra, proveniente do neutro plural com terminação em *–a.* O feminino traz consigo a ideia de coletivo ou de plural. Comparem-se do latim *lignum* que em port. originou *lenho* (sing.), lat. ligna e port. *lenha.* Do lat. *ovvm* que em port. e gal. resultaram em *ovo* (sing.), do lat. *ova*, em port. e gal. *ova* (conj. dos ovos de um peixe).Encontramos, ainda, o plural em *–a* no italiano moderno que nos dá ideia de coletivo, como em lat. *fructa* e it. *le frutta* ‘as frutas’, lat. *ossa* > it. *le ossa* ‘os ossos’. Latim: \*rama.

1. Neutro interpretado como plural e como coletivo – România Oriental

 Na România Oriental, verificamos o plural latino neutro em *–a* e *–ora.* Vejamos alguns exemplos colhidos do romeno. Vê-se em *ou* (sing.) ‘ovo’ e em *ouă* (pl.) o resquício do neutro latino.

No romeno, há também o plural em *–e*,como em *scaun* ( neutro sing.) ‘cadeira’ mas *scaune* ( neutro pl.). Do antigo sufixo *–ora*, que resultou em romeno *–uri*, os exemplos, *prat* (sing.) *praturi* (pl), ‘prado’; *jug* ( sing. ) *juguri* ( pl.) ‘jugo, junta’; *titlu* ( sing.) *titluri* (pl.) ‘título’ *virus* (sing.) *virusuri* (pl.), *chibrit* ( sing.) ‘fósforo’ mas *chibrituri* ( pl.), esses dois últimos exemplos receberam a ação da analogia, pois são mais recentes, o primeiro é um eruditismo, o segundo proveio do turco.

 O italiano antigo apresentava o plural neutro em *–ora,* como em *le corpora* ‘os corpos’, *le campora* ‘os campos’(Maurer, 1959:80). No francês antigo aparece vestígios do plural em *–a* que evoluiu para –e, vejam-se em \****digitu*** > *doit* ( dedo) e \****digita* > *doie* ( medida em dedos).**

 O retorromânico, falado na região dos Grisões, apresenta também um plural neutro coletivo, de número indeterminado, observem no engadino *l’ossa* (todos os ossos do corpo humano), *la paira* ( as peras, incontável), esse substantivo possui a função de sujeito e conjuga-se com o verbo no singular. O sobresselvano nos Grisões apresenta *per* (cada pera, unitário) em contraposição ao coletivo, incontável, com terminação em *–a,* *la pera* (as peras), por exemplo.

1. Número

Neste ponto não apresenta o latim vulgar nenhuma inovação. Do ponto de vista morfológico, conservou regularmente a oposição singular e plural, que o latim havia herdado do indo-europeu.

1. Redução das declinações

 Os substantivos latinos se distribuíam em 5 declinações. A primeira, com terminação em –a; a segunda, com terminação em –o, a terceira terminada em –i, a quarta, em –u ; a quinta em –e. O latim vulgar reduziu-as a três. Os nomes da segunda, com tema em -u e os da quarta, de tema em –o, confundiram-se devido à grande semelhança das suas terminações; a quinta declinação, com temas em –e, devido à maioria das palavras serem femininas, foram absorvidas pela primeira (maioria feminina), ou ainda pela terceira, devido à semelhança das suas terminações. Dessa forma, o latim vulgar reduziu a terminação dos substantivos em três, a saber –*a; -e ;-o*.

1. Redução dos casos latinos

A renovação morfológica confere ao l.v. uma profunda diferenciação. No período romance já se consolida a estrutura morfológica que influirá na sintaxe da maioria das línguas românicas, com exceção da língua romena.

Os casos latinos podiam ser reduzidos a dois grupos a) caso reto (nominativo, a que se podia juntar o vocativo); b) casos oblíquos ( genitivo, dativo, acusativo, ablativo).

O vocativo era praticamente igual ao nominativo, no plural não havia exceção, no singular havia uma: os nomes em -us da 2 (como lúpus) faziam o voc. Em -e (lupe).

 No latim vulgar deixa de haver exceção: nominativo absorve o vocativo.

 Quanto aos casos oblíquos, a tendência analítica se impôs, a flexão causal deu passo às preposições, que tornaram o seu uso um imperativo. Dessa forma, teremos 3 casos: caso reto: nominativo-vocativo; casos oblíquos: genitivo-dativo; acusativo. A absorção do ablativo pelo acusativo se deve à semelhança do acusativo no singular. Uma vez que a consoante -m do acusativo sofre apócope o ablativo se torna igual a ele nas 1,3 e 5 declinações ( terra, bovi, die). Na segunda, a diferença em -o e -u tende a obliterar-se. O dativo, que designava o termo de um movimento mental, encontrou equivalente sintático na construção ad + acus, que exprimia o termo de um movimento espacial. Neste caso, o resultado foi, no l.v., a substituição do dat. pelo ad + acus.

 A declinação no latim vulgar reduzirá sensivelmente o sistema dos seis casos encontrados no latim clássico. O latim vulgar preservou três casos, um caso reto, o nominativo; e dois oblíquos, o acusativo e o dativo. O nominativo absorveu o caso do vocativo, que tinham mesma desinência, com exceção da 2 declinação apenas no singular, veja-se em lupus ( nom.) e lupe ( voc.). Os casos oblíquos substituíram as desinências de caso pelo amplo uso das preposições, assegurando às línguas românicas à tendência analítica da sua sintaxe. A perda das consoantes finais e o enfraquecimento do timbre vocálico contribuíram para estabelecer a relação entre as palavras.

 As línguas românicas ocidentais conservaram o caso do acusativo para a formação dos seus substantivos no singular e plural. Entretanto, a România Oriental, devido a um dos fatores da apócope do -s final, tomou no caso do plural, a forma do nominativo. Para o feminino singular em <-a> no it. e veglioto em <ă> há os correspondentes ao lat <a> <ae>, lat. Luna > it. luna, vegl. Loina, rom. lună. Para alguns autores, entre eles, Maurer (1959, p.94),

 A variação entre o nominativo e acusativo é atestada pelo francês e o provençal, por exemplo. O francês e o provençal antigos preservaram os casos no nominativo, singular, ao lado do acusativo, plural, até aproximadamente o séc. XIII, apresentavam um caso reto e um oblíquo. No francês antigo, por exemplo, li *murs* (2 decl.) tanto podia ser nominativo singular, como les murs, acusativo plural. O artigo auxiliava na identificação da construção, assim *li murs*, nom. sing.; *les murs (illos muros)* acus. plural. O acusativo triunfou sobre a forma do nominativo, o francês moderno apresenta *mur* (sing.) e *murs* (pl.). As formas do acusativo tanto no singular quanto no plural vieram a triunfar.

 Esta ocorrência de variação entre o nominativo e acusativo autoriza os pesquisadores a postularem, entre eles, Maurer Jr. ( 1952, p.94) que em outras regiões da România a variação também ocorreu. É o caso da Itália Central e meridional, bem como a Dalmácia e a Dácia e se mantém até os nossos dias. Na România Oriental triunfou o plural realizado através do nominativo. Caballus > cal (sing.), cai (pl); cavallo (s), cavalli (pl). Exemplos de vocábulos oriundos do acusativo no singular atesta esta variação: luna > lună (rom.),, luna (it.), loina (vegl) e no plural: casa > case (it.), cuose (veg), case (rom.).

 O romeno moderno apresenta dois casos, o nominativo-acusativo, que provém do nominativo singular e do acusativo plural; o genitivo-dativo, que preservou o dativo latino, embora somente no singular de nomes femininos. Sirvam-nos de exemplo o gen-dat. sing. ( e plural) term. em *–ae*: *caprae > capre; mensae > mese; stellae > stele, aquae > ape; casae > case; equae > iepe, petrae > pietre*. A diferença casual se apresenta no artigo enclítico. Nom-acus. Singular capră, plural capre, MAS, gen-dativo singular caprei, plural do nom-acus articulado: caprele; gen-dativo: caprelor.

 O romeno possui ainda um vocativo em –e, de origem latina, para nomes masculinos, compare-se em cumnate! Ó cunhado! O feminino tem suas origens no eslavo, terminado em –o, como em cumnato! Ó cunhada!

 Do exposto, podemos inferir que as línguas românicas, a exemplo do latim vulgar, inovaram no seu sistema de flexão dos substantivos. Reduziram nas categorias de gênero, o neutro. Na România Oriental, o romeno manteve o nominativo-acusativo e o dativo-genitivo. No número, entretanto, as línguas românicas demonstraram conservação, ao preservar o singular e o plural, heranças do indo-europeu. O caso lexicogênico dos substantivos no singular e plural é o acusativo nas línguas românicas ocidentais. Na România Oriental, acusativo no singular e nominativo no plural. Esse processo de remodelação morfológica dos nomes, que se instalara a partir do latim vulgar, influenciou os padrões sintáticos e proporcionou uma nova tipologia frasal, que hoje conhecemos nas línguas românicas. Doravante, terão lugar as preposições e a ordem dos vocábulos como meio de expressão das relações sintáticas em detrimento do sistema flexional que se baseava nas desinências nominais.

-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

 Como visto acima, ainda que a România acuse resquícios do neutro, não podemos dizer que houve a sua conservação como um gênero ao lado do masculino e do feminino. As línguas românicas ao acomodarem o neutro, ora no masculino, ora no feminino, realizaram uma profunda inovação.

O gênero neutro operou uma inovação no latim vulgar, ao perder primeiro o singular, que por sua vez se fundiu com o masculino, e em seguida, perdeu o plural. Entretanto, a distinção entre neutro e masculino sempre apresentou variação desde a época clássica. Vejam-se em balneus (m) por balneum (n). Castro (1991, p123) cita alguns exemplos colhidos em Satyricom na “Coena Trimachionis: caelus, vinus, fatus”. Ex. de neutro que passaram a masculino nas declinações: 2ª neutros em-um (templum > templus; dorsum > dorsus; 3ª capus > caput; maris/marim por mare. 4ª os poucos neutros da 4ª cornus > cornu, gelus > gelu; genus> genu. Comprovem-se as mudanças nas línguas românicas: lat.v.: cornu> port, it. corno; cast. cuerno; cat. gasc. Prov. corn; fr. cor; **eng. Küern; log. Korru; vegl. Kuarno; rom. corn;(REW,2240).**

 **Gênero gramatical**

 Uma outra inovação importante também ocorreu: uma regularização na distribuição do gênero gramatical em função da terminação da palavra. O latim clássico pendia para associar a terminação da palavra ao gênero. A primeira declinação, por exemplo, possuía, em geral, palavras femininas, entretanto, havia nomes masculinos como *nauta, agricola, poeta, scriba, verna*, entre outros. Assim como havia femininos terminados em *–us*, que pertenciam às 2 e 4 declinações como *alvus* (2), *domus* ( 2 mais freqüente, e 4), *acus* ( 4). Os nomes da quinta declinação eram predominantemente femininos, era masculino apenas *dies*, quando significava ‘dia marcado’. O latim vulgar apresentou uma nova regularização dos gêneros. A primeira declinação regularizou em somente palavras femininas. Dessa forma, o gênero feminino terá a terminações nas línguas românicas, observem do latim clássico e vulgar *capra* teremos em port. gal. cast. cat. e prov. *cabra*; em romeno *capră*. it. *capra*; sobresselvano *caura*, fr. antigo *chievre*, fr. mod. *chèvre*.

Os nomes da segunda declinação, cuja vogal temática em *–o* e os da quarta com terminação em *–u* se confundiram e passaram a masculinos. Os nomes de árvores terminados em *-us*, que eram do gênero feminino, passaram a masculinos, vejam-se do lat. *fraxinus* ,que em port. e gal. resultaram em *freixo*, cast. *fresno*, prov. *fraise*, fr. *frêne*, engadino *fraischen*, ital. *frassino*, romeno *frasin*. Ou ainda, do latim *ulmus* temos em port, gal. e cast. *olmo*, prov. *olme*, fr. *orme*, engadino *uolm*, logodurês *ulumu*, il. *olmo* e romeno *ulm*. Entre as palavras terminadas em –*us* a que preservou o gênero feminino nas línguas românicas foi *manus*. O romeno e alguns dialetos italianos passaram esse substantivo para a primeira declinação, como *mânâ*, lucano *mana*, entre outros. Há inovações no masculino no engadino *maun*.

Através da flexão, podemos formar o feminino com a desinência –a, que conservou a mudança já verificada no latim de –us para –a, o que já ocorre desde o indo-europeu. Dessa forma do lat. masc. *lupus* temos o fem. *lupa*; *discipulus* e *discipula.*

 As línguas românicas herdaram dois números, o singular e o plural do latim. Nesse aspecto, as línguas românicas se mostraram conservadoras.

 **Redução dos casos**

 A declinação no latim vulgar reduzirá sensivelmente o sistema dos seis casos encontrados no latim clássico. O latim vulgar preservou três casos, um caso reto, o nominativo e dois oblíquos, o acusativo e o dativo. O nominativo absorveu o caso do vocativo, que tinham mesma desinência, com exceção da 2 declinação apenas no singular, veja-se em lupus ( nom.) e lupe ( voc.). Os casos oblíquos substituíram as desinências de caso pelo amplo uso das preposições, assegurando às línguas românicas à tendência analítica da sua sintaxe. A perda das consoantes finais e o enfraquecimento do timbre vocálico contribuíram para estabelecer a relação entre as palavras. Vejamos como as línguas românicas remodelaram o sistema de casos.

 As línguas românicas, em geral, conservaram o caso do acusativo para a formação dos seus substantivos. Algumas línguas preservaram outros casos ao lado do acusativo, sirvam-nos de exemplo, o francês antigo e o romeno.

 O francês e o provençal antigos preservaram os casos no nominativo, singular, ao lado do acusativo, plural, até aproximadamente o séc. XIII, apresentavam um caso reto e um oblíquo. No francês antigo, por exemplo, *murs* (2 decl.) tanto podia ser nominativo singular como acusativo plural. O artigo auxiliava na identificação da construção, assim *li murs*, nom. sing.; *les murs (illos muros)* acus. plural. O acusativo triunfou sobre a forma do nominativo, o francês moderno apresenta *mur* (sing.) e *murs* (pl.). As formas do acusativo tanto no singular quanto no plural vieram a triunfar.

 O romeno moderno apresenta dois casos, o nominativo-acusativo, que provém do nominativo singular e do acusativo plural; o dativo-genitivo, que preservou o dativo latino, embora somente no singular de nomes femininos. Sirvam-nos de exemplo o dat. sing. term. em *–ae*: *caprae > capre; mensae > mese; stellae > stele, aquae > ape; casae > case; equae > iepe, petrae > pietre*.

A queda do –u e do –o finais da segunda declinação proporcionou. O romeno possui ainda um vocativo em –e, de origem latina, para nomes masculinos, compare-se em cumnate! Ó cunhado! O feminino tem suas origens no eslavo, terminado em –o, como em cumnato! Ó cunhada!

 Do exposto, podemos inferir que as línguas românicas, a exemplo do latim vulgar, inovaram no seu sistema de flexão dos substantivos. Reduziram nas categorias de gênero, o neutro. Na România Oriental, o romeno manteve o nominativo-acusativo e o dativo-genitivo. No número, entretanto, as línguas românicas demonstraram conservação, ao preservar o singular e o plural, heranças do indo-europeu. Esse processo de remodelação morfológica dos nomes, que se instalara a partir do latim vulgar, influenciou os padrões sintáticos e proporcionou uma nova tipologia frasal, que hoje conhecemos nas línguas românicas. Doravante, terão lugar as preposições e a ordem dos vocábulos como meio de expressão das relações sintáticas em detrimento do sistema flexional, que se baseia nas desinências nominais.

No número, não operou inovações, pois conservou o singular e o plural, presentes no latim clássico.

Na categoria dos casos, houve uma inovação. Havia seis casos latinos, divididos em dois grupos, um caso reto, que se compunha do nominativo e o vocativo, e um caso oblíquo, que abrangia o acusativo, o dativo, o ablativo e o genitivo. O latim vulgar remodelou em três casos, mas preservou dois grupos, a saber, o caso reto, que compreende o nominativo; o caso oblíquo, que corresponde ao acusativo e ao dativo-genitivo.

A remodelação, que o latim vulgar operou em relação ao latim clássico, foi transmitida às línguas românicas. Passemos a estudar as características que essas línguas apresentam e a sua ligação com o *terminus a quo,* o latim vulgar. Será realizada uma abordagem sobre a flexão dos substantivos, nas categorias gramaticais de **gênero, número e de caso**. A formação dos substantivos por derivação sufixal não será abordada, como dito anteriormente, será privilegiada a flexão dos substantivos femininos formados pela desinência *-a.*